

FHC usa 'rolo compressor' para eleger Michel Temer

05/02/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasilia

Editoria: BRASIL Pagina: 1-5 2/2293

Ediçao: Nacional Feb 5, 1997

Primeira: Chamada

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Vinheta/Chapou: ELEIÇÃO NA CÂMARA

Assuntos Principais: ELEIÇÃO; CÂMARA DOS DEPUTADOS; MICHEL TEMER; GOVERNO FHC

Presidente e ministros pedem votos para peemedebista

FHC usa 'rolo compressor' para eleger Michel Temer

LUCIO VAZ

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasilia

O presidente Fernando Henrique Cardoso usou o 'rolo compressor' do governo para tentar eleger, hoje, Michel Temer (PMDB-SP) presidente da Câmara e assegurar a aprovação do segundo turno da emenda da reeleição. Governistas previram 341 votos para Temer.

O peemedebista enfrenta Wilson Campos (PSDB-PE), que se apresenta como candidato do 'baixo clero', e Prisco Viana (PPB-BA), que prega a independência entre Legislativo e Executivo.

A aprovação da emenda da reeleição em primeiro turno na Câmara e a provável manutenção da presidência da Casa deram novo ânimo aos líderes governistas, que querem acelerar a tramitação das reformas constitucionais.

'Agora nós temos voto e vamos falar grosso. Esse é o momento de votar as reformas que faltam e de regulamentar as emendas já aprovadas', disse ontem o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), em almoço da campanha de Temer que contou com cinco ministros.

Um dos mais animados era Sérgio Motta (Comunicações). 'Às 13h30, computamos 341 deputados a favor. É até bom diminuir essa conta, porque o Michel não pode ter mais votos do que o presidente.' A reeleição teve 336 votos.

Além de ministros, o próprio FHC e governadores aliados participaram da busca de votos para Temer. Uma presença tão ostensiva de membros do Executivo numa campanha na Câmara só teve registro recente no regime militar.

A atuação do governo foi uma compensação ao líder do PMDB por sua atuação em favor da aprovação do primeiro turno da emenda da reeleição.

Temer enfrentou os senadores que queriam o adiamento da votação da reeleição e conseguiu 68 dos 98 votos da bancada do PMDB.

A eleição do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), ontem, foi mais uma garantia da eleição de Temer. Líderes do PFL chegaram a ameaçar retirar o apoio a Temer se o PMDB elegeisse Iris Rezende no Senado.

O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), filho de ACM, participou do comando da campanha de Temer.

Ontem, ele respondeu a uma questão de ordem do líder do PFL, Inocêncio Oliveira, decidindo que o quórum de 'maioria absoluta de votos' exigido em primeiro turno significa metade mais um dos presentes, e não 257 votos (maioria dos 513 deputados).

José Genoíno (PT-SP) solicitou que a questão fosse decidida pelo plenário. Luís Eduardo transferiu a decisão para hoje, já que ontem não houve sessão deliberativa.

PT

A bancada do PT decidiu ontem rejeitar a candidatura do deputado Michel Temer (PMDB-SP) por considerá-la uma 'intromissão do governo no Legislativo'. A reunião liberou a bancada para votar hoje em Wilson Campos (PSDB) ou Prisco Viana (PPB), sem manifestar preferências.

Motta diz que quer 'destruir' Lerner

05/02/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília; Da Agência Folha

Editoria: BRASIL Página: 1-6 2/2256

Edição: Nacional Feb 5, 1997

Legenda Foto: O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, que atacou Lerner

Credito Foto: Juca Varella - 7.nov.96/Folha Imagem

Observações: COM SUB-RETRANCA

Vinheta/Chapu: RUMO A 98

Selo: REELEIÇÃO

Assuntos Principais: SÉRGIO MOTTA; JAIME LERNER; AMEAÇA; REELEIÇÃO

Motta diz que quer 'destruir' Lerner

Governador do PR lutou contra a reeleição

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

O ministro Sérgio Motta (Comunicações) disse ontem que quer 'destruir' o governador do Paraná, Jaime Lerner (PDT), adversário da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

'Vamos nos unir e destruir aquele cara (Lerner)', disse Motta a quatro deputados do PFL paranaense. "Agora isso é um problema meu. Precisamos acabar com essa fiação", acrescentou.

A ameaça, testemunhada pela Folha, foi feita quando Motta chegou a almoço em homenagem ao deputado Michel Temer (PMDB-SP), candidato governista à presidência da Câmara.

Outro lado

Jaime Lerner foi procurado ontem à tarde pela Agência Folha. A Secretaria de Comunicação Social do governo do Paraná, informada sobre as afirmações de Motta, não comentou o caso até as 19h30 de ontem.

Inocência

Mais tarde, o ministro voltou à carga e fez brincadeiras com o líder do PFL, Inocência Oliveira (PE), sobre a estratégia de 'rolo compressor' adotada pelo governo para aprovar a emenda da reeleição e eleger Temer.

'Eu e o Inocência formamos uma aliança do mal. Não fica nada na frente', afirmou Motta, ao anunciar que Michel Temer já teria 341 votos.

O líder do PFL, que estava sentado à mesma mesa, riu e respondeu: 'Ele passa o trator, e eu passo a patrôla (niveladora)'.

Barganha

O deputado Luciano Pizzato (PFL-PR), uma das testemunhas da ameaça a Lerner, disse que ficou 'chocado' com a atitude do ministro. No Paraná, o PFL é aliado do governador e adversário do PSDB, partido de Motta.

O PDT-PR, controlado por Lerner, tem um representante na Câmara dos Deputados - Fernando Ribas Carli, que seguiu a orientação do governador e não votou na sessão em que a emenda da reeleição foi aprovada.

Os outros deputados a quem Motta se dirigiu são Abelardo Lupion, Werner Wanderer e Valdomiro Meger, que trocou ontem o PPB pelo PFL.

Durante o almoço, Meger comentou com outros deputados que tinha sido aconselhado a adiar a filiação a fim de aumentar seu poder de barganha.

A frase foi ouvida por um pefelista, que o convenceu a mudar de ideia e oficializar já a adesão.

Colaborou a Agência Folha

Interpretação de regimento pode levar disputa ao STF

04/02/97

Autor: LUCIO VAZ; DENISE MADUEIRO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 2/1746

Edição: Nacional Feb 4, 1997

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Vinheta/Chapéu: COMARA

Assuntos Principais: COMARA DOS DEPUTADOS; REGIMENTO INTERNO; ELEIÇÃO; PRESIDÊNCIA

Temer, candidato governista, pode ser beneficiado por decisão da Mesa

Interpretação de regimento pode levar disputa ao STF

da Sucursal de Brasília

O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), tomou decisão que favorece a eleição de Michel Temer (PMDB-AP) no primeiro turno da eleição para a presidência da Casa amanhã.

Luís Eduardo endossou interpretação da secretaria-geral da Mesa Diretora segundo a qual a "maioria absoluta de votos" exigida pelo regimento não é 257 votos (maioria absoluta dos deputados), mas sim a maioria dos votantes, que pode ser um número menor.

O candidato Wilson Campos (PSDB-PE) ameaça recorrer ao Supremo Tribunal Federal com pedido de suspensão da eleição. "Quem rasga isso aqui, rasga a nação", disse o deputado, apontando para o regimento.

"Qualquer alfabetizado sabe ler que no primeiro escrutínio é maioria absoluta e no seguinte é maioria simples", acrescentou.

Prisco Viana, candidato do PPB, também criticou a interpretação dos governistas. "A regra é que o presidente seja eleito pela maioria absoluta dos deputados. Caso contrário, será um presidente fraco e sem autoridade", afirmou.

O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), apresentou questão de ordem no plenário da Câmara ontem para saber se a vitória em primeiro turno será garantida com 257 votos com a maioria dos votantes.

Luís Eduardo vai responder oficialmente a questão de ordem em plenário hoje. No domingo, o presidente havia dito que a maioria absoluta prevista no regimento significava 257 votos.

O vice-líder do PMDB Henrique Eduardo Alves (RN) afirmou que a nova interpretação "é uma questão de facilidade operacional. Previne contra qualquer 'zebra', como o quorum".

O comando da campanha de Temer chegou a contar com 336 votos certos no domingo, mas passou a adotar critérios mais rigorosos e anunciava ontem que o candidato deve ter de 300 a 320 votos.

Essa margem de segurança seria para compensar as ausências e as possíveis trocas de voto na última hora, já que a votação será secreta. O líder do PSDB, José Aníbal (SP), afirmou que os tucanos vão contribuir com 72 dos seus 90 votos.

A chapa de Temer está praticamente definida, com Heróclito Fortes (PFL-PI) na 1ª vice-presidência, Ubiratan Aguiar (PSDB-CE) na 1ª secretaria, Nelson Trad (PTB-MS) na 2ª secretaria e Paulo Paim (PT-RS) na 3ª secretaria. A 2ª vice-presidência ficará com o PPB, e a 4ª secretaria, com o PFL.

(LUCIO VAZ, DENISE MADUEIRO E DANIEL BRAMATTI)

Temer rejeita subserviência ao Planalto

04/02/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 2/1808

Edição: Nacional Feb 4, 1997

Observações: SUB-RETRANCA

Assuntos Principais: CÂMARA DOS DEPUTADOS; ELEIÇÃO; PRESIDÊNCIA; MICHEL TEMER; ENTREVISTA

Temer rejeita subserviência ao Planalto da Sucursal de Brasília

O candidato do governo à presidência da Câmara, deputado Michel Temer (PMDB-SP), rejeita a acusação dos opositores de que será subserviente ao presidente Fernando Henrique Cardoso.

Apesar de ter o próprio FHC como principal cabo eleitoral, Temer procura reforçar o discurso em favor da "autonomia" e da "independência" do Legislativo.

(DANIEL BRAMATTI)

*

Folha - Como é possível conciliar o fato de ser o candidato do governo com o discurso em favor da autonomia do Legislativo?

Michel Temer - Eu sou um legalista e estarei muito atento ao que a Constituição e o regimento interno determinam para quem exerce a presidência da Câmara.

Folha - A atual Mesa é acusada de pautar os trabalhos de acordo com os objetivos do Executivo. Atualmente existe a autonomia que o sr. prega?

Temer - Acho que existe. O que ocorre é que os projetos encaminhados pelo Executivo, especialmente os de reforma constitucional, andaram com maior rapidez. Mas isso não significa que, na nossa gestão, vamos ter qualquer atrelamento com o Executivo.

Folha - Uma forma seria limitar o uso de medidas provisórias?

Temer - Sem dúvida. Vamos examinar os projetos que restringem a edição de MPs, entre os quais um do PMDB.

Manobra governista pode ajudar a eleição de Temer

04/02/97

Autor: LUCIO VAZ; DENISE MADUEIRA; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 2/1911

Edição: São Paulo Feb 4, 1997

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Vinheta/Chapéu: CÂMARA

Assuntos Principais: CÂMARA DOS DEPUTADOS; REGIMENTO INTERNO; ELEIÇÃO; PRESIDÊNCIA

Luís Eduardo muda interpretação do regimento interno

Manobra governista pode ajudar a eleição de Temer da Sucursal de Brasília

O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), tomou decisão que favorece a eleição de Michel Temer (PMDB-AP) no primeiro turno da eleição para a presidência da Casa amanhã.

Luís Eduardo endossou interpretação da secretaria-geral da Mesa Diretora, segundo a qual a "maioria absoluta de votos" exigida pelo regimento não é 257 votos (maioria absoluta dos deputados), mas sim a maioria dos votantes, que pode ser um número menor.

Veja no quadro ao lado a redação dos pontos do regimento interno em discussão e as linhas de interpretação de governistas e antigovernistas para embasarem seus argumentos.

Reação

O candidato Wilson Campos (PSDB-PE) ameaça recorrer ao Supremo Tribunal Federal com pedido de suspensão da eleição. "Quem rasga isso aqui, rasga a nação", disse o deputado, apontando para o regimento.

"Qualquer alfabetizado sabe ler que no primeiro escrutínio é maioria absoluta e no seguinte é maioria simples", acrescentou.

Prisco Viana, candidato do PPB, também criticou a interpretação dos governistas. "A regra é que o presidente seja eleito pela maioria absoluta dos deputados. Caso contrário, será um presidente fraco e sem autoridade", afirmou.

A manobra governista tenta garantir a eleição de Temer no primeiro turno para evitar que num eventual segundo turno a aliança de Wilson Campos e Prisco Viana derrote a candidatura do peemedebista.

Prisco Viana afirmou que tem um acordo com Campos: quem passar para o segundo turno tem o apoio do terceiro colocado. Campos é o candidato do chamado "baixo clero", parlamentares sem expressão. Prisco tem a seu favor a maior parte da oposição.

Consulta

O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), apresentou questão de ordem no plenário da Câmara ontem para saber se a vitória em primeiro turno será garantida com 257 votos com a maioria dos votantes.

Luís Eduardo vai responder oficialmente a questão de ordem em plenário hoje. No domingo, o presidente havia dito que a maioria absoluta prevista no regimento significava 257 votos.

O vice-líder do PMDB Henrique Eduardo Alves (RN) afirmou que a nova interpretação "é uma questão de facilidade operacional". "Previne contra qualquer 'zebra', como o quorum."

O comando da campanha de Temer chegou a contar com 336 votos certos no domingo, mas passou a adotar critérios mais rigorosos e anunciava ontem que o candidato deve ter de 300 a 320 votos.

Essa margem de segurança seria para compensar as ausências e as possíveis trocas de voto na última hora, já que a votação será secreta. O líder do PSDB, José Aníbal (SP), afirmou que os tucanos vão contribuir com 72 dos seus 90 votos.

A chapa de Temer está praticamente definida, com Heráclito Fortes (PFL-PI) na 1ª vice-presidência, Ubiratan Aguiar (PSDB-CE) na 1ª secretaria, Nelson Trad (PTB-MS) na 2ª secretaria e Paulo Paim (PT-RS) na 3ª secretaria. A 2ª vice-presidência ficará com o PPB, e a 4ª secretaria, com o PFL.

(LUCIO VAZ, DENISE MADUEIRO E DANIEL BRAMATTI)

Emenda 'abafa' escândalos da Câmara

01/02/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 2/292

Edição: Nacional Feb 1, 1997

Legenda Foto: O deputado Marquinho Chedid (PSD-SP), acusado de cobrar propina

Credito Foto: Juca Varella - 10.dez.95/Folha Imagem

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; CÂMARA DOS DEPUTADOS; EXTORSÃO; ESCÂNDALO; DEPUTADO FEDERAL

Emenda 'abafa' escândalos da Câmara

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

A votação da emenda da reeleição, além de praticamente paralisar o andamento de outros projetos na Câmara dos Deputados, ajudou a "abafar" escândalos que envolveram parlamentares.

Na última terça-feira _mesmo dia em que o plenário votou a reeleição_, a CCJ

(Comissão de Constituição e Justiça) concluiu um processo de oito meses e absolveu o deputado federal Marquinho Chedid (PSD-SP) da acusação de ter extorquido dinheiro de donos de casas de jogos.

Já o deputado federal João Iensen (PPB-PR), suspeito de integrar um esquema de venda de concessões de rádio, está numa situação ainda mais confortável: é provável que nem sequer seja aberto processo contra ele.

''Esse é o preço do 'oba-oba' da reeleição. Chedid foi absolvido, a questão dos rádios está indo para o arquivo e até o deputado Pedrinho Abrão deve se livrar. A maioria governista não tem interesse em fazer uma reforma transparente no Congresso'', disse o deputado José Genoíno (PT-SP).

Abrão

O último caso citado por Genoíno _que envolve o ex-líder do PTB Pedrinho Abrão (GO)_ está tramitando na CCJ e não tem prazo para conclusão.

Abrão foi acusado pelo ministro Gustavo Krause (Meio Ambiente e Recursos Hídricos) de ter tentado extorquir um representante da empreiteira Andrade Gutierrez em troca de favores na Comissão Mista de Orçamento.

Uma comissão de sindicância recomendou a cassação do deputado. Na CCJ, o assunto está nas mãos do relator Jarbas Lima (PPB-RS), que ainda deve ouvir pelo menos 15 testemunhas antes de divulgar seu parecer.

Chedid

A absolvição de Marquinho Chedid foi aprovada na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) por 35 votos a 10. A cassação havia sido pedida há oito meses pelo então corregedor-geral da Câmara, Beto Mansur (PPB-SP), hoje prefeito de Santos (SP).

Em 1995, a polícia de São Paulo gravou conversas entre Luiz Buono (ligado ao bicheiro Ivo Noal) e donos de bingos, em que as extorsões supostamente praticadas pelo deputado foram descritas.

Chedid teve o sigilo telefônico quebrado e a corregedoria detectou dezenas de telefonemas para os donos de bingos e para o advogado Francisco Franco Filho, que seria intermediário nas negociações. Até então, o deputado negava qualquer envolvimento com Francisco Franco.

As provas não foram consideradas consistentes pelo relator do processo na Comissão de Constituição e Justiça, deputado Benedito de Lyra (PFL-AL), que demorou quase oito meses para apresentar seu parecer.

Iensen

O caso de João Iensen nem sequer deve chegar à Comissão de Constituição e Justiça. O corregedor interino, deputado Ronaldo Perim (PMDB-MG), deve anunciar nesta semana o arquivamento do caso por falta de provas.

Câmara fica fechada até dia 5

31/01/97

Autor: DENISE MADUEIRO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-6 1/13791

Edição: Nacional Jan 31, 1997

Legenda Foto: Funcionário da segurança da Câmara fecha plenário às 17h30; o deputado Luíz Eduardo dispensou os parlamentares até o próximo dia 5

Crédito Foto: Sérgio Lima/Folha Imagem

Primeira: Chamada

Observações: SUB-RETRANCA

Vinheta/Chapéu: CONVOCAÇÃO

Assuntos Principais: CONGRESSO /PARLAMENTO/; CONVOCAÇÃO EXTRAORDINÁRIA; GASTO; REELEIÇÃO

Câmara fica fechada até dia 5

Congresso gasta R\$ 40 milhões e se vota um projeto importante da Sucursal de Brasília

O presidente da Câmara dos Deputados, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), marcou para a próxima quarta-feira, dia 5 de fevereiro, a eleição para a presidência da Casa. Até lá, os deputados estão livres para permanecer em seus Estados.

Desde ontem, não há sessões com votações marcadas e os deputados não precisam registrar suas presenças para efeito de corte de salário ou perda de mandato. Durante o período de convocação extraordinária, que se estende de 6 de janeiro a 6 de fevereiro, a Câmara praticamente resumiu suas votações e aprovações, em primeiro turno, da emenda que permite a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. O custo total da convocação do Congresso foi de R\$ 40 milhões, aproximadamente.

Projetos

A deputada Marta Suplicy (PT-SP) espera há mais de três semanas por uma chance para colocar em votação seu projeto que regulamenta a união civil de homossexuais. O projeto não será mais votado durante a convocação extraordinária. O mesmo vai ocorrer com a reforma administrativa, que está parada desde a aprovação na comissão especial que analisou a emenda, no ano passado.

A Mesa da Câmara ainda discute algumas regras para as candidaturas e sucesso do deputado Luís Eduardo Magalhães e para a composição partidária da Mesa, que varia de acordo com o tamanho das bancadas.

O líder do PMDB na Câmara, deputado Michel Temer (SP), conta com o apoio oficial do presidente Fernando Henrique Cardoso e do atual presidente da Câmara. Ele vai disputar o cargo com os deputados federais Prisco Viana (PPB-BA) e Wilson Campos (PSDB-PE).

Depois do dia 5, os deputados terão mais 11 dias de 'férias', incluindo o Carnaval. Durante esse período, não serão marcadas sessões para votações. Os trabalhos na Câmara voltarão no dia 17 de fevereiro, já com o novo presidente da Casa.

Reeleição

Para acelerar a tramitação da emenda da reeleição, o presidente da comissão especial que analisa a emenda, o ex-ministro Odacir Klein (PMDB-RS), marcou uma reunião para a próxima terça-feira, dia 4.

A comissão deve elaborar a redação da emenda com as modificações feitas no plenário após a votação dos destaques, preparando o texto para a votação em segundo turno no plenário da Câmara.

A emenda deve voltar a ser votada pelos deputados apenas na última semana de fevereiro, provavelmente no dia 26.

Ontem, começou a correr o prazo regimental de cinco sessões que separa os dois turnos de votação da emenda constitucional. Depois de ser aprovada em segundo turno, o texto seguirá para o Senado.

(DENISE MADUELO e DANIEL BRAMATTI)

Câmara rejeita plebiscito e referendo para a reeleição

30/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUELO

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 1/13255

Edição: Nacional Jan 30, 1997

Primeira: Chamada

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Vinheta/Chapu: RUMO A 98

Selo: REELEIÇÃO

Assuntos Principais: CÂMARA DOS DEPUTADOS; VOTAÇÃO; PLEBISCITO; REFERENDO; REELEIÇÃO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Durante votação ontem, não foi atingido número mínimo de 308 votos

Câmara rejeita plebiscito e referendo para a reeleição

da Sucursal de Brasília

A Câmara rejeitou ontem as duas possibilidades de consulta popular para permitir que o presidente FHC concorra a reeleição.

Não foi atingido o número mínimo de 308 votos (do total de 513 deputados) para a aprovação do referendo e do plebiscito.

Os partidos de oposição (PT, PC do B e PDT), juntamente com o PPB, tentaram incluir a consulta popular na emenda do deputado Mendonça Filho (PFL-PE), aprovada anteontem.

Os partidos que apoiam o governo (PFL, PSDB, PMDB e PTB) ficaram contra a proposta. A favor da realização do plebiscito votaram 135 deputados, 173 a menos que o mínimo necessário.

Os votos contrários foram em maior número. O placar registrou 248 votos contrários e 1 abstenção. A proposta previa a realização da consulta popular antes da conclusão de votação da emenda da reeleição pelo Congresso.

A exigência de plebiscito foi apresentada pelo então deputado Beto Mansur (PPB), prefeito de Santos, do partido do ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf, um dos maiores adversários da reeleição.

A segunda tentativa de incluir a consulta popular também foi derrotada. A proposta, que previa a realização do referendo, obteve 169 votos favoráveis, 239 votos contrários e 4 abstenções.

A emenda apresentada pelos petistas José Genoíno (SP) e Milton Temer (RS) não chegou a ser votada. O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), deu preferência para a votação da proposta do movimento pela consulta popular fundado pelo deputado Franco Montoro (PSDB-SP).

As duas propostas, no entanto, tratavam do mesmo assunto. Elas estabeleciam a realização de uma consulta popular para que a emenda que permite a reeleição do presidente, governadores e prefeitos entrasse em vigor.

'A voz rouca das ruas precisa ser ouvida', dizia o deputado José Genoíno durante a votação. O plenário da Câmara estava visivelmente esvaziado quando Luís Eduardo colocou a proposta do referendo em votação. Eram 16h15.

Para formar um maior número de votantes, partidos de oposição se declararam em obstrução até que o quórum o mínimo necessário_308 deputados_ fosse atingido. Sem esse número, a sessão seria interrompida, atrapalhando os planos do governo de concluir as votações ontem mesmo.

(DANIEL BRAMATTI e DENISE MADUEIRO)

Decisão sobre desincompatibilização pode ir ao STF

30/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUEIRO

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 1/13277

Edição: Nacional Jan 30, 1997

Observações: SUB-RETRANCA

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; DESINCOMPATIBILIZAÇÃO; CONSTITUIÇÃO; POLÊMICA

Decisão sobre desincompatibilização pode ir ao STF

DANIEL BRAMATTI

DENISE MADUEIRO

da Sucursal de Brasília

A possibilidade de o presidente FHC concorrer a reeleição sem deixar o cargo poder ser resolvida pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Orientados pelo ministro Nelson Jobim (Justiça), os líderes governistas mudaram ontem de estratégia e apoiaram uma mudança na emenda da reeleição, que provocou polêmica sobre a necessidade ou não de desincompatibilização (saída do cargo) de candidatos em cargos executivos.

A mudança foi pedida pela oposição, por meio de um destaque (pedido de votação em separado). Temendo dissidências na base, os governistas desistiram de tentar manter o texto intacto e acabaram apoiando a proposta. O destaque suprimiu a expressão 'concorrer no exercício do cargo' da emenda. Com isso, eles queriam acabar com a permissão para que FHC concorresse sem ter de deixar a Presidência. Mesmo com a mudança da emenda, porém, os líderes continuaram afirmando que FHC não precisaria deixar o cargo. 'A expressão retirada era redundante. A Constituição não proíbe que candidatos a reeleição permaneçam no cargo', disse o autor da emenda, deputado Mendonça Filho (PFL-PE). 'Vamos ao Supremo e vamos ganhar', afirmou o petista Marcelo Deda (SE). Para ele, a Constituição não menciona a desincompatibilização em casos de reeleição por um motivo 'óbvio': a reeleição não era permitida. O único artigo que trata da desincompatibilização se refere a necessidade de um candidato deixar o cargo executivo quando for disputar 'outros cargos'. 'Se a Constituição não fala em desincompatibilização para disputar o mesmo cargo, então pode', simplificou o líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA). Se essa interpretação estiver correta, um governador de oposição que quiser disputar a Presidência com FHC no ano que vem terá uma dupla desvantagem: precisará renunciar ao cargo seis meses antes, enquanto FHC poderá permanecer no Planalto. A sessão de ontem, em que a votação da emenda foi concluída, alterou outro ponto da proposta. Foi eliminada a possibilidade de que governadores e prefeitos concorressem a outros cargos executivos sem renunciar aos mandatos. As outras quatro propostas de mudança votadas ontem foram rejeitadas. O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), vetou as propostas que retiravam dos governadores e prefeitos o direito a reeleição.

Câmara rejeita plebiscito e referendo para a reeleição

30/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUEO
Origem do texto: Da Sucursal de Brasília
Editoria: BRASIL Página: 1-5 1/13349
Edição: São Paulo Jan 30, 1997
Primeira: Chamada
Observações: COM SUB-RETRANCAS
Vinheta/Chapéu: RUMO A 98
Selo: REELEIÇÃO
Assuntos Principais: CÂMARA DOS DEPUTADOS; VOTAÇÃO; PLEBISCITO; REFERENDO; REELEIÇÃO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Durante votação ontem, não foi atingido número mínimo de 308 votos

Câmara rejeita plebiscito e referendo para a reeleição

DANIEL BRAMATTI

DENISE MADUEO

da Sucursal de Brasília

A Câmara concluiu ontem a votação da emenda que permite a reeleição do presidente da República, governadores e prefeitos, excluindo a possibilidade de uma consulta popular sobre o assunto.

Os partidos da base de sustentação do governo (PFL, PSDB, PMDB e PTB) ficaram contra as duas alternativas (plebiscito e referendo) colocadas em votação, provocando a derrota das propostas.

As emendas, defendidas pelos partidos de oposição (PT, PDT, PC do B e PSB) e pelo PPB, não atingiram o número mínimo de votos (308 dos 513 deputados).

Na vota♦♦♦ da emenda que propunha a realiza♦♦♦ do plebiscito, o placar registrou 248 votos contr♦rios, 135 a favor e 1 absten♦♦♦.

O PSDB, partido de FHC, foi respons♦vel pelo maior n♦mero de votos contr♦rios (69), seguido pelo PFL (65). Apenas 3 tucanos e 6 pefelistas votaram a favor. O PMDB foi respons♦vel por 56 votos contr♦rios e 14 a favor.

A segunda tentativa dos oposicionistas tamb♦m foi derrotada. Os governistas conseguiram rejeitar a proposta que exigia a realiza♦♦♦ de referendo para permitir a possibilidade de reelei♦♦♦ de FHC.

Nessa vota♦♦♦ o placar registrou 239 votos contr♦rios, 169 votos a favor e 4 absten♦♦es. Na bancada do PSDB, apenas 12 votaram a favor e, no PFL, 12.

Manipula♦♦♦

'O resultado foi um retrato da manipula♦♦♦ pol♦tica que presidiu a condu♦♦♦ pol♦tica da reelei♦♦♦. O governo admitiu a consulta popular como arma pol♦tica e n♦o como posi♦♦♦ sincera'', afirmou o deputado Jos♦ Genoino (PT-SP).

A emenda apresentada pelos deputados petistas Genoino e Milton Temer (RS) n♦o chegou a ser votada. O presidente da C♦mara, Lu♦s Eduardo Magalh♦es (PFL-BA), deu prefer♦ncia para a vota♦♦♦ da proposta do movimento pela consulta popular, fundado pelo deputado Franco Montoro (PSDB-SP).

As duas propostas tratavam do mesmo assunto. Elas exigiam a realiza♦♦♦ de uma referendo para que a emenda que permite a reelei♦♦♦ do presidente, governadores e prefeitos entrasse em vigor.

A exig♦ncia de plebiscito foi apresentada pelo ent♦o deputado Beto Mansur (PPB), do partido de Paulo Maluf, um dos principais advers♦rios da reelei♦♦♦ de FHC. "A voz rouca das ruas precisa ser ouvida'', dizia o deputado Jos♦ Genoino durante a vota♦♦♦.

Decis♦o sobre desincompatibiliza♦♦♦ deve ir ao STF

30/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUE♦O

Origem do texto: Da Sucursal de Bras♦lia

Editoria: BRASIL P♦gina: 1-5 1/13374

Edi♦♦o: S♦o Paulo Jan 30, 1997

Observa♦♦es: SUB-RETRANCA

Assuntos Principais: REELEI♦♦O; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; DESINCOMPATIBILIZA♦♦O; CONSTITUI♦♦O; POL♦MICA

Decis♦o sobre desincompatibiliza♦♦♦ deve ir ao STF

da Sucursal de Bras♦lia

A possibilidade de o presidente Fernando Henrique Cardoso concorrer ♦ reelei♦♦ sem deixar o cargo deve ser resolvida pelo STF (Supremo Tribunal Federal).

Uma mudan♦a feita ontem no texto da emenda da reelei♦♦ provocou pol♦mica sobre a necessidade ou n♦o de desincompatibiliza♦♦♦ (sa♦da do cargo) de candidatos que ocupam cargos executivos.

Foi suprimida a permiss♦o para que os governantes concorressem ♦ reelei♦♦ no exerc♦cio do cargo. Ou seja, o texto aprovado n♦o diz que o governante precisa deixar o cargo (como ♦ hoje) nem diz que pode permanecer at♦ a elei♦♦.

A mudan♦a foi pedida pela oposi♦♦, que, com isso, queria impedir que FHC concorresse sem deixar a Presidªncia.

Os lªderes governistas, temendo dissidªncias na base de sustenta♦♦, acabaram apoiando a mudan♦a, aprovada por 391 votos a 13. Mesmo com a altera♦♦, os governistas continuaram afirmando que o presidente est♦ autorizado a permanecer no cargo.

'A express♦o retirada era redundante. A Constitui♦♦o n♦o pro♦be que candidatos ♦ reelei♦♦ permane♦am no cargo'', disse o autor da emenda, deputado Mendon♦a Filho (PFL-PE).

'Vamos ao Supremo e vamos ganhar'', afirmou o petista Marcelo D♦da (SE). Para

ele, a Constituição não menciona a desincompatibilização em casos de reeleição por um motivo "óbvio": a reeleição não era permitida.

O único artigo que trata da desincompatibilização se refere à necessidade de um candidato deixar o cargo executivo quando for disputar "outros cargos".

"Se a Constituição não fala em desincompatibilização para disputar o mesmo cargo, então pode", simplificou o líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA).

A opinião tem o aval do ministro Nelson Jobim (Justiça). Ele esteve no Congresso ontem e orientou os governistas. Segundo Benito, o ministro consultou diversos constitucionalistas sobre o caso.

Se a interpretação estiver correta, um governador de oposição que quiser disputar a Presidência com FHC no ano que vem terá uma dupla desvantagem: precisará renunciar ao cargo seis meses antes, enquanto FHC poderá permanecer no Planalto. Renúncia

A sessão de ontem, em que a votação da emenda foi concluída, alterou outro ponto da proposta. Foi eliminada a possibilidade de que governadores e prefeitos concorressem a outros cargos executivos sem renunciar aos mandatos.

(DANIEL BRAMATTI E DENISE MADUEIRO)

Monarquista quer privatizar 19 'teles'

30/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: CADERNO ESPECIAL Página: Especial-30 1/13389

Edição: Nacional Jan 30, 1997

Legenda Foto: Cunha Bueno, deputado que mais apresentou projetos, a maioria propondo privatização de estatais

Crédito Foto: Paulo Giandalia - 3.out.94/Folha Imagem

Observações: OLHO NO CONGRESSO

Vinheta/Chapéu: CAMPEIRO

Assuntos Principais: CONGRESSO /PARLAMENTO/; CÂMARA DOS DEPUTADOS; CUNHA BUENO; PROJETO DE LEI

Deputado apresentou 47 projetos

Monarquista quer privatizar 19 'teles'

da Sucursal de Brasília

A privatização é a principal bandeira de Cunha Bueno (PPB-SP), deputado que mais apresentou projetos de lei na Câmara no ano passado.

Cunha Bueno ganhou projeção nacional como defensor da volta da monarquia no plebiscito realizado em abril de 1993.

Dos 47 projetos apresentados, 40 propõem a privatização de empresas estatais.

Outras propostas de Bueno criam a aposentadoria especial para vendedores ambulantes e o Dia Nacional do Capoeirista, por exemplo.

O setor mais visado pelo deputado em seus projetos é o das telecomunicações. Além de propor a venda da Telebras, ele sugere a privatização de 19 "teles" estaduais apresentando um projeto para vender cada empresa.

Todas elas estão nos planos de privatização do governo federal. Cunha Bueno afirmou que a principal diferença entre seus projetos e o do Ministério das Comunicações é a forma prevista para a venda.

O deputado quer que os funcionários das empresas tenham prioridade na compra das ações.

(DANIEL BRAMATTI)

Deputados começam a votação dos destaques e emenda hoje pela manhã

29/01/97

Autor: DENISE MADUEIRO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-7 1/12580

Edição: Nacional Jan 29, 1997

Legenda Foto: Os deputados Moreira Franco (PMDB-RJ) e Benito Gama (PFL-BA), ontem, durante as discussões da emenda da reeleição, no Congresso Nacional

Crédito Foto: Juca Varella/Folha Imagem

Primeira: Chamada

Leia Mais: X

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Selo: REELEIÇÃO

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; CÂMARA DOS DEPUTADOS; VOTAÇÃO

Desincompatibilização e abrangência da reeleição serão discutidas; governo chegou a temer fracasso ontem

Deputados começam a votação dos destaques e emenda hoje pela manhã

DENISE MADUEIRO

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

A Câmara dos Deputados inicia hoje de manhã, em sessão extraordinária, a votação dos destaques e emenda da reeleição, aprovada ontem à noite por 336 votos favor, 17 contra e 6 abstenções.

O texto do relator, Vic Pires Franco (PFL-PA), poderá ser completamente alterado com as votações de hoje.

O projeto aprovado manteve praticamente a emenda original do deputado Mendonça Filho (PFL-PE). A proposta prevê a possibilidade de reeleição para presidente da República, governadores e prefeitos. Ainda será votada parte do texto que permite que os chefes do Executivo concorram e reeleição no exercício do cargo (sem desincompatibilização).

A oposição quer excluir essa possibilidade. Outros dispositivos que podem modificar o texto original da emenda também serão votados de forma separada. Uma das propostas é a que permite a reeleição apenas para os próximos chefes do Executivo, o que exclui FHC.

A oposição vai tentar aprovar a realização de consulta popular para permitir a reeleição. São duas propostas: uma prevê o referendo e outra o plebiscito.

Tensão

O governo viveu ontem um dia tenso no Congresso. O otimismo do dia anterior, quando os governistas diziam que tinham mais de 350 votos, cedeu lugar a um clima de preocupação

Até as 18h35, o governo ainda não tinha segurança para colocar a emenda em votação. O placar dos governistas apontava, naquele momento, que 308 deputados a favor da emenda estavam em plenário. Mas, sem folga, a decisão era não iniciar o processo de votação. Às 19h30, o governo avaliava que já tinha mais de 320 votos. Às 20h58, foi anunciado o resultado oficial.

O governo precisou negociar com os deputados dissidentes até o último momento. Obstrução

Os opositoristas permaneciam no plenário, mas se negavam a registrar presença como forma de obstruir o processo. O governo enfrentava também problemas em sua base de sustentação.

O quórum mínimo foi atingido às 18h30. No início da discussão da emenda, às 17h17, a euforia do governo se transformou em preocupação. Os líderes a todo momento consultavam o painel e, por telefone, convocavam os ausentes.

O PSDB montou um esquema para trazer em uma maca o deputado Edson Silva (PSDB-CE), que está doente.

Sem quórum, os deputados se revezavam na tribuna fazendo discursos a favor e

contra a emenda. A estratégia inicial do governo era encerrar a discussão quando seis deputados já tivessem falado, como permite o regimento da Casa. Para ganhar tempo, o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), acabou permitindo que 14 deputados se pronunciassem. A oposição, percebendo a dificuldade do governo, tomou a iniciativa de requerer o encerramento da discussão e o início da votação. 'Vota, vota, vota', gritavam os oposicionistas.

Aclamação

O requerimento foi aprovado por aclamação. Desde a manhã, os líderes governistas checavam a presença dos deputados. As declarações eram de otimismo. Na guerra de informações, os partidos de oposição também cantavam vitória. 'Temos 220 deputados dispostos a fazer obstrução. O governo não vai ter coragem de colocar essa emenda para votar', afirmou o deputado José Genoíno (PT-SP).

'Mesmo se tiver um terremoto, uma catástrofe em Brasília e todas as entradas do Congresso forem fechadas, nós já temos 340 votos a favor da reeleição', afirmou o líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA), às 15h30.

LEIA EDITORIAL sobre a votação da emenda da reeleição

Tensão domina líderes governistas até a obtenção do quórum necessário

29/01/97

Autor: DENISE MADUEIRO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-7 1/12650

Edição: São Paulo Jan 29, 1997

Legenda Foto: Parlamentares erguem o braço, fazendo sinal da reeleição, durante a votação da emenda em plenário

Crédito Foto: Sérgio Lima/Folha Imagem

Leia Mais: X

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Selo: REELEIÇÃO

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; CÂMARA DOS DEPUTADOS; VOTAÇÃO

Deputados oposicionistas tentam obstruir processo e se negam a registrar votos no placar eletrônico

Tensão domina líderes governistas até a obtenção do quórum necessário

DENISE MADUEIRO

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

A Câmara viveu ontem um de seus dias mais tensos. A euforia demonstrada pelos governistas nos últimos dias foi substituída por preocupação até as 18h30, quando o quórum mínimo necessário para aprovar a emenda da reeleição (308 presentes) foi atingido.

A emenda da reeleição foi aprovada às 20h58 com 336 votos favor, 17 contra e 6 abstenções.

Os deputados oposicionistas se mantiveram em plenário, mas se recusaram a votar, na tentativa de evitar quórum para a votação.

O governo precisou negociar com os deputados dissidentes até o último momento.

Às 18h, os líderes intensificaram a operação de guerra para encher o plenário.

Naquele hora, faltavam ainda 21 parlamentares no plenário para assegurar o quórum mínimo para o início da votação.

Obstrução

A oposição e deputados do PPB, partido do ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf, estavam em obstrução. Os parlamentares permaneciam no plenário, mas se negavam a registrar presença como forma de obstruir o processo.

O governo enfrentava tambem problemas em sua base de sustentacao. Parte dos aliados se mantinha em obstrucao e anunciava que se votaria se o quorum minimo fosse atingido.

"Estou duro. Ja pusemos todos do PSDB. O PMDB esta fazendo o esforco que pode, mas ainda ha poucos deputados no plenario", resumiu o secretario-geral do PSDB, Arthur Virgilio (AM), as 18h. Nesse momento, o painel registrava 287 deputados. Quando a discussao da emenda comecou, as 17h17, os lideres a todo momento consultavam o painel e, por telefone, convocavam os ausentes.

Maca

O PSDB montou um esquema para trazer em uma maca o deputado Edson Silva (PSDB-CE), que esta doente.

Atue que o quorum fosse atingido, os deputados se revezaram na tribuna fazendo discursos a favor e contra a emenda. A estrategia inicial do governo era encerrar a discussao quando seis deputados tivessem falado, como permite o regimento da Casa.

Para ganhar tempo, o presidente da Comara, Luis Eduardo Magalhes (PFL-BA), acabou permitindo que 14 deputados se pronunciassem.

A oposicao, percebendo a dificuldade do governo, tomou a iniciativa de requerer o encerramento da discussao e pediu o inicio da votacao. "Vota, vota, vota", gritavam os oposicionistas.

O requerimento foi aprovado por aclamacao. Os governistas tambem concordaram em encerrar a votacao.

Guerra de informacoes

Desde a manh, os lideres governistas checavam a presenca dos deputados. As declaracoes eram de otimismo.

Na guerra de informacoes, os partidos de oposicao tambem cantavam vitoria.

"Temos 220 deputados dispostos a fazer obstrucao. O governo nao vai ter coragem de colocar essa emenda para votar", afirmou o deputado Jose Genoio (PT-SP).

"Mesmo se tiver um terremoto, uma catastrofe em Brasilia e todas as entradas do Congresso forem fechadas, nos ja temos 340 votos a favor da reeleicao", afirmou o lider do governo na Comara, Benito Gama (PFL-BA), as 15h30.

LEIA EDITORIAL sobre a votacao da emenda da reeleicao

Desincompatibilizacao e desafio do governo em votacoes dos destaques

29/01/97

Autor: DENISE MADUEO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasilia

Editoria: BRASIL Pagina: 1-9 1/12671

Edicao: Sao Paulo Jan 29, 1997

Arte: QUADRO: OS PROXIMOS PASSOS

Selo: REELEICAO

Assuntos Principais: REELEICAO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; COMARA DOS DEPUTADOS; VOTACAO

Congresso Nacional comeca votacao dos destaques sobre regras da emenda da reeleicao hoje pela manh

Desincompatibilizacao e desafio do governo em votacoes dos destaques da Sucursal de Brasilia

O governo passa por novo teste hoje na votacao da emenda da reeleicao. Os aliados do presidente Fernando Henrique Cardoso terao que reunir 308 votos (do total de 513 deputados) para manter a possibilidade de FHC concorrer e reeleicao sem deixar o cargo (desincompatibilizacao).

Um dos destaques apresentados pela oposicao retira do texto da emenda aprovada ontem a expressao "concorrer no exercicio do cargo", o que significa abrir

brecha para estabelecer prazos de desincompatibilizaçãoo.

O governo se preparou para impedir que sejam apresentados destaques que tirem o direito de governadores e prefeitos de concorrer a reeleiçãoo. O destaque estava sendo elaborado pelo PT, segundo o líder Josã Machado (SP).

A alegaçãoo dos governistas a que a mudanãa no texto criaria um vazio jurãdico, jã que a Constituiçãoo deixaria de fazer menãoo as regras para governadores e prefeitos.

'Ficaria um buraco vazio. Os governadores e prefeitos poderiam se candidatar inãmeras vezes', afirmou o líder do PFL, Inocãncio Oliveira (PE). O líder tem em mãos um parecer jurãdico sobre o assunto.

Outra proposta que muda as regras para governadores e prefeitos deverã ser votada hoje. O destaque, de autoria do deputado Gerson Peres (PPB-PA), estabelece a reeleiçãoo escalonada.

O presidente poderia ser reeleito em 1998, mas os governadores em 2002 e os prefeitos apenas em 2004.

Consulta popular

O governo vai tambã se esforãar para evitar a convocaçãoo de uma consulta popular sobre reeleiçãoo, como quer a oposiçãoo.

A proposta apresentada pelo PT prevã a realizaçãoo de um referendo. A decisãoo do Congresso teria que ser ratificada pelos eleitores antes de entrar em vigor.

Jã o plebiscito foi sugerido pelo ex-deputado Beto Mansur (PPB-SP), prefeito de Santos, e defendido pelo PPB.

Nesses dois casos, a aprovaçãoo a mais difãcil. Caberã a oposiçãoo conseguir 308 votos favorãveis.

A mesma regra valerã para o destaque apresentado pelo líder do PL, Valdemar Costa Neto (SP). A proposta do líder permite a reeleiçãoo apenas para os prãximos ocupantes de cargos no Executivo, o que exclui FHC.

A oposiçãoo e o PPB juntos tão direito a apresentar 11 destaques. O governo nãoo vai apresentar nenhum jã que quer manter inalterado o texto do relator, Vic Pires Franco (PFL-PA), aprovado ontem.

(DENISE MADUENO e DANIEL BRAMATTI)

Governistas agora contam 321 votos prã-reeleiçãoo

24/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUEãO; FERNANDO RODRIGUES

Origem do texto: Da Sucursal de Brasãlia

Editoria: BRASIL Pãgina: 1-4 1/10368

Ediçãoo: Nacional Jan 24, 1997

Legenda Foto: Os ministros Sãrgio Motta (com a sacola) e Luiz Carlos Santos (dir.) conversam com lãderes governistas na porta da casa de Luãs Eduardo (esq.)

Crãdito Foto: Jefferson Rudy/Folha Imagem

Primeira: Chamada

Observaçãoes: COM SUB-RETRANCA

Vinheta/Chapãu: RUMO A 98

Selo: REELEIãOO

Assuntos Principais: REELEIãOO; FERNANDO HENRIQUE CARDOSO; PMDB /PARTIDO/

Planalto decide enfrentar dissidentes do PMDB e votar emenda na terãa

Governistas agora contam 321 votos prã-reeleiçãoo
da Sucursal de Brasãlia

O governo, com o aval da lideranãa do PMDB na Cãmara, resolveu enfrentar a dissidãncia peemedebista no Senado e confirmou a votaçãoo da emenda que permite a reeleiçãoo do presidente Fernando Henrique Cardoso na terãa-feira.

'O Senado a outra etapa. A primeira a vencer na Cãmara', disse o líder do governo na Cãmara, Benito Gama (PFL-BA). O líder do PMDB na Cãmara, Michel Temer

(SP), começou ontem mesmo a conversar com a bancada para tentar garantir votos no dia 28.

O governo agora diz ter 321 votos a favor da emenda, segundo o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), que participou de uma reunião ontem de manhã na casa do presidente da Câmara, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), com as lideranças governistas.

A bancada do PMDB na Câmara cedeu às pressões do governo para votar na próxima semana por causa do risco que um novo adiamento representaria à candidatura de Temer à presidência da Câmara.

Os governistas haviam ameaçado retirar o apoio a Temer se o PMDB continuasse resistindo à data. "A estratégia da bancada da Câmara será comparecer para votar. As estratégias distintas da Câmara e do Senado terão como objetivo a conquista das duas Casas pelo PMDB", afirmou Temer.

Os senadores do PMDB insistem em adiar a votação por considerar que isso beneficiaria a candidatura de Iris Rezende (PMDB-GO), que disputa com Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

O comando da reeleição está contando com 53 votos certos no PMDB, do total de 99 da bancada. "Se Temer chegar a 60 votos será um herói. Qualquer número acima de 50 está bom", disse o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE).

Haveria, ainda segundo os governistas, cerca de 30 deputados cooptáveis até terça-feira.

No PFL, eles consideram certos 100 votos. No PSDB, 86, no PPB, 43, além dos 53 peemedebistas.

Para completar os votos que o governo diz ter, o comando está contando com votos de PTB, PL, PSD, PSB, PV, PSL e até do PDT. A aprovação da emenda precisa de 308 votos (três quintos do total de 513 deputados).

Nenhum governista divulga a lista com todos os nomes desses 321 deputados que supostamente já garantiram seu voto a favor.

Segundo a Folha apurou, todos os números que o governo divulga não são seguros. A estratégia de dizer que está crescendo a adesão cria um clima de otimismo.

Senadores

Na contagem de ontem, os governistas dizem que não estão considerando nenhum voto das bancadas dos Estados de Goiás e Pará. E contariam apenas um voto da bancada da Paraíba.

Esses três Estados são as bases eleitorais dos senadores do PMDB que se posicionam de forma mais radical contra a votação da emenda da reeleição em janeiro: Iris Rezende (GO), Jader Barbalho (PA) e Ronaldo Cunha Lima (PB).

Participaram da reunião de ontem, além do anfitrião Luís Eduardo, os deputados Michel Temer, José Aníbal (PSDB-SP) e Inocêncio Oliveira. Estava presente também o ministro Sérgio Motta.

Os participantes da reunião fizeram questão de mencionar casos de deputados dados como perdidos, mas que podem votar a favor.

Por exemplo, o deputado Sandro Mabel (PMDB-GO). Esse parlamentar montou o primeiro comitê pró-reeleição do país, mas está ligado ao senador Iris Rezende, que é contra votar a reeleição já.

Os governistas também concluíram na reunião de ontem que já estariam a favor da reeleição os deputados liderados pelo ex-governador mineiro Newton Cardoso.

Em troca, Cardoso, que hoje é prefeito de Contagem (MG), receberia alguma contrapartida do governo federal. Pode ser alguma indicação para um ministério ou ajuda para sua cidade sanar suas dívidas.

(DANIEL BRAMATTI, DENISE MADUEIRO E FERNANDO RODRIGUES)

Governo quer dia 28 como data-limite

22/01/97

Autor: DENISE MADUEIRO; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-4 1/9533

Edição: Nacional Jan 22, 1997

Observações: SUB-RETRANCA

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; VOTAÇÃO; CONGRESSO /PARLAMENTO/

Governo quer dia 28 como data-limite

DENISE MADUEIRA

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

O governo marcou a data-limite do dia 28 de janeiro, próxima terça-feira, para que a bancada do PMDB na Câmara se alinhe aos demais partidos da base e vote a emenda que permite a reeleição do presidente FHC.

Pelo calendário acertado ontem, a discussão do projeto em plenário começa amanhã. Até o dia 28, o governo espera conseguir os 308 votos necessários.

A contabilidade governista, até ontem, era de apenas 306 votos considerados seguros. Não foram incluídos na conta 26 deputados peemedebistas ligados aos senadores que resistem em votar a emenda da reeleição em janeiro.

Na terça-feira, os governistas farão um teste para avaliar o quórum e o apoio à emenda momentos antes da votação.

Eles vão apresentar um requerimento pedindo o encerramento da discussão, última etapa antes da votação. O acerto contou com a participação dos líderes, incluindo Michel Temer (PMDB-SP), e o ministro Luiz Carlos Santos (Assuntos Políticos).

Mesmo com a recomendação da convenção nacional do PMDB para que a emenda fosse analisada somente após 15 de fevereiro, parte da bancada na Câmara deu o aval ao novo calendário.

O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), afirmou que a data satisfaz tanto o governo quanto o PMDB.

''O primeiro turno será votado com Luís Eduardo (Magalhães, presidente da Câmara) na presidência e o segundo turno em fevereiro, como quer o PMDB'', disse.

Anteriormente, Inocêncio e o líder do PSDB, José Aníbal (SP), defendiam o dia de hoje como data ideal para votação em primeiro turno. ''No processo de entendimento, cada um cede um pouco'', disse Aníbal.

A segunda opção dos líderes era o dia 29, próxima quarta. A escolha de terça permite uma margem de segurança na votação, que poderá ser adiada para o dia seguinte caso surja algum imprevisto.

''Vamos operar com segurança, mas a votação do primeiro turno será mesmo concluída na terça-feira'', afirmou o líder do governo, Benito Gama (PFL-BA).

O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou ontem a pedir urgência na votação da emenda da reeleição. O pedido foi feito pelo porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral. ''O presidente já anunciou que o país tem urgência na votação dessa emenda, porque é preciso desobstruir a agenda do Congresso Nacional para a discussão de outros temas importantes para o país'', disse Sérgio Amaral.

Colaborou a Sucursal de Brasília.

Planalto conta 306 votos como "seguros"

22/01/97

Autor: DENISE MADUEIRA; DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-4 1/9617

Edição: São Paulo Jan 22, 1997

Observações: SUB-RETRANCA

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; VOTAÇÃO; DATA

Planalto conta 306 votos como "seguros"

DENISE MADUEIRA

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

O governo definiu ontem um novo prazo para votar a emenda da reeleição no plenário da Câmara: dia 28 ♦ noite ou 29 deste mês (terça ou quarta-feira que vem).

♦ a terceira data que o governo marca neste ano. Primeiro, queria votar no dia 15. Depois, anunciou dia 22 (hoje). Agora, o novo prazo foi dado para tentar ganhar tempo e conquistar o apoio do PMDB.

Pelo calendário acertado ontem, a discussão do projeto em plenário começa amanhã.

Até o dia 28, o governo espera conseguir os 308 votos necessários.

A contabilidade governista, até ontem, era de apenas 306 votos seguros. Não foram incluídos na conta 26 deputados do PMDB ligados aos senadores que resistem em votar a emenda em janeiro.

Na terça-feira, os governistas farão um teste para avaliar o quórum e o apoio ♦ emenda momentos antes da votação.

Eles vão apresentar um requerimento pedindo o encerramento da discussão, última etapa antes da votação. O acerto contou com a participação dos líderes, incluindo Michel Temer (PMDB-SP), e o ministro Luiz Carlos Santos (Assuntos Políticos).

Mesmo com a recomendação da convenção nacional do PMDB para que a emenda fosse analisada somente após 15 de fevereiro, parte da bancada na Câmara deu o aval ao novo calendário.

O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), afirmou que a data satisfaz tanto o governo quanto o PMDB.

'O primeiro turno será votado com Luís Eduardo (Magalhães, presidente da Câmara) na presidência e o segundo turno em fevereiro, como quer o PMDB.'

Depois de anunciar a nova data, os líderes justificaram o recuo. 'No processo de entendimento, cada um cede um pouco', disse José Aníbal, líder do PSDB.

Os líderes avaliam que será difícil votar no dia 28 ♦ noite. Mas a data foi marcada como forma de evitar novos atrasos. Por tradição, o maior quórum sempre ♦ nas quartas-feiras. Se que, se o governo marcasse para esse dia, correria o risco de enfrentar algum imprevisto e ter de adiar para uma possível data: quinta-feira, quando deputados começam a deixar Brasília.

FHC voltou ontem a pedir urgência na votação da emenda da reeleição, por meio do porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral.

'O presidente já anunciou que o país tem urgência na votação dessa emenda, porque ♦ preciso desobstruir a agenda do Congresso Nacional para a discussão de outros temas importantes para o país', disse Sérgio Amaral.

Colaborou a Sucursal de Brasília

Tramitação de emenda no Congresso ♦ erro, diz tucano

21/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-4 1/8934

Edição: Nacional Jan 21, 1997

Legenda Foto: Almino Affonso (PSDB-SP), que afirma que oito deputados tucanos votarão contra reeleição de FHC

Credito Foto: Jefferson Rudy/Folha Imagem

Observações: SUB-RETRANCA

Vinheta/Chapu: 'ESTRANHO NO NINHO'

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; ALMINO AFFONSO /DEPUTADO/; ENTREVISTA

Tramitação de emenda no Congresso ♦ erro, diz tucano

Para Almino Affonso, consulta ♦ população deve decidir reeleição

DANIEL BRAMATTI

da Sucursal de Brasília

Autor do projeto que regulamenta a convocação de consultas populares (plebiscitos e referendos), o deputado Almino Affonso (PSDB-SP) defende a paralisação imediata da tramitação da emenda da reeleição.

Para ele, a discussão do tema no Congresso é um 'erro político', que se pode ser contornado com a convocação de um plebiscito. 'A hora da decisão é agora', afirma.

Contrário à emenda da reeleição, ele rejeita o rótulo de dissidente entre os tucanos e estima em oito o número de correligionários que votarão contra o governo. A seguir, os principais trechos de entrevista à Folha:

*

Folha - Como o sr. encara o fato de os governistas estarem avaliando agora a convocação de um plebiscito, depois de ignorarem por tanto tempo o projeto que regulamenta a convocação de consultas populares?

Almino Affonso - É um erro político. Desde sempre me pareceu que a convocação de um plebiscito poderia ter encaminhado a questão da reeleição de maneira mais democrática, porque consultaria o povo, e de maneira mais transparente, porque evitaria qualquer tipo de indagação sobre pressões e barganhas.

Além disso, daria ao presidente Fernando Henrique Cardoso uma equidistância em relação ao processo que se o engrandeceria.

Folha - Quem é o responsável pelo que chama de erro político?

Affonso - Em grande parte, o erro se deve aos dois maiores partidos do bloco governista, o PFL e o PMDB. Ambos preferiam que a batalha se desse no Parlamento, onde poderiam ter os dividendos da vitória, se a vitória eventualmente lhes sorrisse. Se houvesse uma consulta plebiscitária, seria um êxito pessoal do presidente, sem muita divisão com os partidos.

Folha - O sr. falou em equidistância do presidente. Não haveria risco de uso da máquina pública em um plebiscito cujo resultado interessa ao governo?

Affonso - Teríamos ao menos uma contraposição, um debate político nos meios de comunicação de massa. A sociedade ouviria as opiniões divergentes e poderia avaliar melhor o tema da reeleição.

Se o assunto fica restrito ao Parlamento, a possibilidade de serem ouvidos aqueles que divergem da reeleição é muito pequena.

Folha - Como o sr. vê a hipótese de o governo, ao pressentir uma eventual derrota no Congresso, apelar para a convocação de um plebiscito como última instância?

Affonso - Seria uma solução negativa. Daria a impressão de querer jogar o povo contra uma decisão do Congresso. A hora da decisão é agora. O governo tem de paralisar a tramitação da reeleição para que possamos regulamentar a convocação de um plebiscito. Assim, vamos recuperar a trilha que deveríamos ter percorrido desde o primeiro momento.

Folha - É a alternativa do referendo?

Affonso - Não é a que eu prefiro. Porém, se houver a aprovação da emenda e em seguida um debate sobre a questão, pelo menos se daria a oportunidade de o povo se manifestar. Dos males, o menor.

Folha - O sr. se sente uma 'ovelha negra' no PSDB?

Affonso - Que sou uma voz discordante, não tenho como negar. Mas não estou tão só. Acho que seremos oito cidadãos que divergiremos na hora da votação. Não me sinto obrigado a votar em algo que não consta do programa de meu partido.

Folha - Como o sr. analisa o argumento dos governistas de que o sucesso da política econômica depende da reeleição?

Affonso - Isso é empobrecer demais a ideia de um plano de governo. Um plano se projeta no tempo por meio da continuidade de seus sucessores.

Um partido que tem a expressão política do PSDB está em condições de disputar a eleição com uma figura capaz de dar continuidade à obra do presidente Fernando Henrique Cardoso. Considerar que determinada obra se pode ter continuidade com o timoneiro que hoje existe não é uma tese muito democrática.

Líder tucano teme 'deixar tudo para o fim'

21/01/97

Autor: DANIEL BRAMATTI; DENISE MADUEIRO

Origem do texto: Da Sucursal de Brasília

Editoria: BRASIL Página: 1-5 1/10151

Edição: Nacional Jan 21, 1997

Legenda Foto: O líder do PSDB na Câmara, o deputado José Aníbal (SP), que defende a votação da reeleição no dia 22

Crédito Foto: Folha Imagem

Observações: COM SUB-RETRANCAS

Selo: REELEIÇÃO

Assuntos Principais: REELEIÇÃO; VOTAÇÃO

Governistas afirmam que votação da emenda da reeleição será amanhã, mas contam com adiamento

Líder tucano teme 'deixar tudo para o fim'

DANIEL BRAMATTI

DENISE MADUEIRO

da Sucursal de Brasília

O líder do PSDB na Câmara, José Aníbal (SP), disse ontem que considera

'temerária' a hipótese de votar a reeleição apenas no dia 29 de janeiro.

Apesar do tom do líder tucano, o governo já trabalha com a hipótese de a votação ocorrer não amanhã, mas na quarta-feira seguinte.

'Nosso horizonte continua sendo o do dia 22. O dia 29 seria como a 25ª hora. Não podemos deixar tudo para o último momento ou um imprevisto pode comprometer tudo', afirmou.

Apesar da insistência do líder tucano de indicar a data de amanhã como a ideal, o PMDB continua sendo um entrave.

Impasse

Geddel Vieira Lima (PMDB-BA), vice-líder do partido, disse ontem que as negociações com o governo não evoluíram.

Parte da bancada se recusa a votar amanhã, atendendo à recomendação da convenção nacional do partido de analisar o assunto só em fevereiro, após a eleição para as presidências das Mesas da Câmara e do Senado.

Se o partido não der mostras de que apoiar a reeleição, o calendário pode sofrer uma nova alteração. "Aqui ninguém vota sem o PMDB", disse José Aníbal.

Para ele, a questão das Mesas 'pode ser objeto de negociação'.

Relatório

O líder espera receber hoje um relatório sobre a opinião predominante entre os parlamentares peemedebistas.

Os vice-líderes do PSDB foram encarregados de procurar os demais deputados governistas de seus Estados, no último fim-de-semana, para reduzir as resistências à proposta.

Como argumento em defesa da votação acelerada, Aníbal cita as 'expectativas da sociedade'.

Ele afirmou ter recebido uma pesquisa do Sinduscon_sindicato que reúne as empresas de construção civil, na qual 97% dos associados se declaram a favor da reeleição.

Reuniões

Líderes do PFL, que também defendem a votação amanhã, passaram o dia de ontem em reuniões para tentar acertar uma data.

O presidente licenciado do partido, Jorge Bornhausen, apostava ontem em um entendimento dos líderes.

'Continua conforme foi combinado com o presidente', disse Bornhausen, se referindo à determinação de Fernando Henrique Cardoso de votar o primeiro turno nesta semana.

O assunto também foi discutido em um almoço entre o presidente da Câmara, Luís

Eduardo Magalhães (PFL-BA), e o líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA).
Discurso

O líder do PMDB, Michel Temer (SP), passou o dia preparando o discurso que pretende fazer hoje no plenário da Câmara.

Ele vai lançar sua plataforma para a presidência da Casa.

Nos últimos dias, Temer queixou-se a outros líderes governistas de que não estava conseguindo fazer campanha, por falta de tempo.

O peemedebista é o candidato oficial do governo e concorre com Prisco Viana (PPB-BA) e Wilson Campos (PSDB-PE).

Representação

José Aníbal criticou a atitude do deputado petista Aldo Rebelo (SP), que pediu ontem junto à Procuradoria Geral Eleitoral do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a suspensão da campanha a favor da reeleição.

''Não é democrático fazer propaganda da reeleição? É pena que a tentativa de proibição parta de alguém que lutou tanto pela democracia'', afirmou.

''Se a oposição encher as ruas de propaganda contra a reeleição, vou achar ótimo. Seria um sinal de vida deles'', acrescentou o líder tucano.